

Fazendo-se metalúrgico: histórias e memórias de trabalhadores sobre o processo de constituição das indústrias metalúrgicas na região de Jundiaí-SP, décadas de 1950 a 2000

Rinaldo José Varussa *

Resumo

Tomando como referência entrevistas com trabalhadores aposentados que viveram o processo de instalação das indústrias metalúrgicas na região de Jundiaí-SP, este artigo visa interpretar algumas dinâmicas pautadas por aqueles trabalhadores acerca daquele processo, discutindo a constituição dos trabalhadores daquelas indústrias. Neste sentido, partindo das experiências dos trabalhadores, buscarei analisar as memórias constituídas em relação àquele momento, referentes à formação de uma categoria profissional, tendo em conta as relações constituídas no conjunto da sociedade.

Palavras-chave: trabalhadores nas indústrias metalúrgicas; história e memória; história oral

Abstract

Taking in reference interviews with retired workers which lived the installation process of the metallurgic industries in Jundiaí region, in São Paulo state, this article aims to interpretate some dynamics constructed by those workers about that process, discussing the constitution of workers from those industries. In that sense, coming from the experiences of workers, the memories constituted in that moment will be analyzed, they are refer to training category, taking into account the relationship constituted in the set of society.

Key-words: workes in the metalurgic industries; history and memory; oral history.

O ano de 2009 iniciou com uma notícia promissora para uma categoria colocada, há pelo menos uma década, na lista das “espécies” ameaçadas de extinção no Brasil: a dos trabalhadores nas indústrias metalúrgicas.

Aquela notícia, veiculadas notadamente pelos boletins sindicais daquela categoria, apoiava-se em dados da subseção do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos) da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT), os quais informavam que

de janeiro a outubro de 2008, foram abertas 173.182 vagas no setor, enquanto em novembro e dezembro do ano passado e em janeiro deste ano foram registradas 122.769 demissões, apontando saldo positivo de 50.413 postos de trabalho. Atualmente, existem 2.040.045 metalúrgicos empregados. (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Jundiaí e Região, 2009: 1)

* Professor da Graduação e do Mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), vinculado ao Laboratório de Pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais”, doutor em História Social pela PUC-SP.

Com mais de 2 milhões de trabalhadores, a categoria retomava os patamares observados no início da década de 1990, ao menos temporariamente, mais precisamente, desde 2000, ano em que os metalúrgicos totalizaram 1,23 milhões.

Estatisticamente, assim, revertia-se um quadro iniciado em 1987, ano em que os metalúrgicos somaram 2,8 milhões de empregos (Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 2008:1).

Às comemorações estatísticas, algumas ponderações, da mesma ordem, poderiam ser formuladas.

Como, por exemplo, que a produção das empresas metalúrgicas, no período de queda e ascensão numérica da categoria, crescera expressivamente. Só para ficar num dos principais setores daquela produção, as montadoras de automóveis brasileiras terminaram 2008 com um total de 3,214 milhões de automóveis fabricados, quando era de 920.071 em 1987, ano do maior contingente de trabalhadores.

Portanto, verifica-se um crescimento superior a 300% no período apontado, porcentagem semelhante à implementação da “produtividade” dos trabalhadores: em 1987, foram produzidos 6,5 veículos em média por funcionário empregado nas montadoras, com a média subindo para 19,5 automóveis por metalúrgico em 2002, segundo dados da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

Ou ainda que, no período em questão, a população economicamente ativa (PEA) passaria de aproximadamente 55 milhões de trabalhadores (1987) para mais de 97 milhões (2006), segundo dados do DIEESE (Nota Técnica do DIEESE, 2007: 3). Assim, os metalúrgicos em termos gerais, mesmo com a retomada do crescimento nos últimos anos, viram sua participação percentual na PEA cair de 5%, em 1987, para 2 %, em 2006, portanto, redução de 60% naquela participação.

Para além de mero duelo matemático, as variações tornadas visíveis em números acima apontam para mudanças nas situações vividas na produção e pelos trabalhadores, em relação às quais as supostas comemorações produzidas pelos sindicatos da categoria buscavam se situar. Ou seja, os números explicitados por aquelas entidades permitem também perceber tentativas das organizações dos trabalhadores de se posicionarem frente ao processo. Assim, as quantidades e as construções que aquelas tentativas viabilizam, expressões de um conjunto de situações e outras avaliações, que dão outros sentidos àquela argumentação matemática, estabelecendo na relação passado e presente uma dimensão prospectiva, que a luta de classes assume, por exemplo, na formulação de argumentos (KHOURY: 2006, 32).

Num universo mais amplo, as notícias de aumento de trabalhadores na categoria no ano de 2008, tinham como presente inúmeros anúncios de demissões, como o corte de 21 mil postos de trabalho e o fechamento de 13 das 47 fábricas da General Motors nos Estados Unidos, divulgado em 26 de abril, como o do jornal “Folha de São Paulo”, que anunciava em primeira página: “GM demitirá 21 mil e pede que credores se tornem acionistas”.

No âmbito das relações diretamente vividas por trabalhadores e sindicatos, aquela dinâmica, observada num presumível quadro mais amplo como o indicado acima, traduzia-se na “rotina” dos sindicatos em pautas que buscavam construir contraposições àquela onda de demissões.

É o caso do Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí, Campo Limpo Paulista e Várzea Paulista, autor do Informativo citado acima. Nos últimos meses, aquela instituição teve como principal mobilização a contraposição às demissões desencadeadas, entre outras, pela empresa Thyssen Krupp, em Campo Limpo Paulista.

Após um primeiro corte em setembro de 2008, quando foram demitidos 75 funcionários - os quais se somavam a outros 90 demitidos em outras empresas do setor -, aquela metalúrgica demitira mais 300 trabalhadores em janeiro de 2009 e ameaçava intensificar o corte com outros 700 empregos. A este quadro, somavam-se as férias coletivas em que se encontravam os 2.100 trabalhadores daquela indústria, desde dezembro (Diário Cajamarense, 2009: 1).

O desfecho momentâneo disso foi a celebração de um acordo entre a empresa, o sindicato e os trabalhadores, noticiado da seguinte maneira por um jornal local:

Graças a um acordo entre Thyssen Krupp e o Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí, Várzea Paulista e Campo Limpo Paulista, 2,3 mil trabalhadores da empresa localizada em Campo Limpo Paulista poderão, por mais algum tempo, respirar aliviados. Depois de 15 horas de negociação entre ambos os lados, ficou decidida uma diminuição salarial de 12,28% em fevereiro (três dias), 11,18% em março (três dias) e 7,81% em abril (dois dias). No dia 27 de janeiro, terça-feira, Eliseu Silva Costa, presidente do sindicato, falou a uma multidão na frente da empresa para acertar o acordo e expor as mudanças provisórias aos funcionários. Os presentes no local aceitaram a proposta de acordo. (Jornal de Jundiaí, 2009: 8).

Os termos deste acordo, que segundo a mesma matéria era o sexto estabelecido na região, seriam renovados em abril de 2009, estendendo-o por mais 3 meses.

Conjuntamente à demissão, um outro aspecto considerado pelos trabalhadores era a ameaça de fechamento da empresa em Campo Limpo Paulista, com a produção se deslocando para outra planta, possivelmente para o México, para onde parte da Krupp já havia se direcionado, a partir de meados da década de 1990, o que incluía o deslocamento de alguns trabalhadores.

E neste ponto a negociação parecia colocar aos trabalhadores uma responsabilidade para além de suas vidas, individualmente. Isso porque a empresa era apresentada como parte fundamental na constituição da região: “Com 60 anos em Campo Limpo, a Krupp corresponde a 55% da arrecadação de impostos da prefeitura. A gigante de matriz alemã gera 3,6 mil empregos diretos na unidade da região e, pelo menos, outros 10 mil indiretos.” (Diário Cajamarense, 2009: 4).

Mas, esta presença e importância da Krupp não se faziam apenas no presente, sendo informada e fundamentada também na história construída pela oficialidade, como se depreende da narrativa a seguir:

Campo Limpo Paulista foi alçada à categoria de distrito do município de Jundiáí em 20 de dezembro de 1953, pela lei municipal no 2.456. Tornou-se município independente em 28 de fevereiro de 1964, pela lei estadual no. 8.092. (...)

O plebiscito que aprovou a emancipação ocorreu em 1o de dezembro de 1963, e o primeiro prefeito tomou posse em 21 de março de 1965, data oficial da fundação do município.

A emancipação teve origem no descontentamento dos moradores com a administração central de Jundiáí, que não atendia convenientemente o distrito. O movimento ganhou força com a vinda da indústria metalúrgica Krupp, inaugurada em 1961 com as presenças do governador Carvalho Pinto e do presidente Jânio Quadros. A indústria foi o componente econômico que faltava para o processo inevitável da emancipação político-administrativa. (Prefeitura Municipal de Campo Limpo Paulista, 2009).

Cognominada na narrativa histórica presente no site da Prefeitura Municipal de Campo Limpo como “Alavanca da Emancipação”, a indústria assumia conotações na história oficial como elemento constituinte da cidade de Campo Limpo Paulista, principal impulsionador da sua autonomia político-administrativa em relação à Jundiáí.

A este panorama histórico, somava-se a experiência das duas últimas décadas na região de transferências ou simples fechamentos de dezenas de indústrias de grande porte, tais como a CICA (Companhia Industrial de Conservas Alimentícias), a Duratex, a fábrica de calçados Vulcabrás, a metalúrgica Vigorelli, as indústrias têxteis Filobel, Argos, São Bento, todas com mais de mil empregados, e que durante décadas foram referência na vida das cidades e dos trabalhadores.

Tal elemento não passava despercebido nas práticas de produção da memória na região, tendo-se em conta a série de reportagens produzidas pelo Jornal de Jundiáí, o jornal de maior circulação na região, intitulada “Trabalho na fábrica”, justamente sobre aquelas empresas, reportagens estas contemporâneas às negociações enfrentada pelos trabalhadores da Thyssen Krupp.

Nestes enfrentamentos que se expressavam também na produção das memórias, outras histórias firmam-se a partir das narrativas dos trabalhadores, forjando, por vezes, outros sentidos e significados às construções das fábricas e das cidades, por vezes, manifestando pontos de contato e sobreposição com as narrativas de outras classes e sujeitos, ora legitimando-as, ora fundamentando-as.

As falas dos trabalhadores expressam perspectivas, que demarcam os lugares sociais de suas produções (FENELON, Déa et alli: 2004, 9), denotando as mudanças nas vidas, que, muitas vezes firmam sintonias com a “história oficial”, revestem-se tanto das conquistas quanto das perdas.

Estes pontos podem ser interpretados na narrativa do pelo sr. José Casoni, natural de Indaiatuba, interior de São Paulo, 72 anos. Solicitado a falar sobre a sua trajetória enquanto trabalhador, o faz da seguinte forma:

Eu vim do sítio. Eu sou cara de olaria, de...Eu era, vão supor, assim, um piãozinho do mato. Eu vim pra cidade, né? Era mulecão, eu fui pra Dubar, comecei na Dubar. Da Dubar, eu fui pra Sifco... eu falei: o puxa vida, eu não tenho uma profissão, eu preciso estudar. Fazer Senai à noite. Fazer curso... Ai, eu tive uma chance na ferramentaria da Sifco. Era Agrícola. Ai, eu passei pra Agrícola, da Agrícola passei...fui pra...pra...tem que ver que em 58, veio pra cá todas as firmas. Veio Krupp, veio Sifco, né? Então, eu tava no meio da...da...da...começou vir pra cá a firma metalúrgica, né? (CASONI, 2008).

Chama a atenção no enredo estabelecido pelo sr. Casoni, a linearidade que ele tem com aquele constituído por parte da historiografia brasileira, em relação ao denominado processo de industrialização interpretado para o país: o deslocamento do trabalhador do campo para a cidade – deixando a condição de “piãozinho do mato” -, o início da atuação na indústria, numa empresa (a Dubar S.A. Indústria e Comércio de Bebidas, a época subsidiária da Cia. Antártica Paulista, fundada em 1913 e instalada em Jundiaí em 1952) ligada a um setor tradicional da indústria no Brasil - demarcado temporalmente como um período do “mulecão”, supostamente uma conotação do sr. Casoni a sua imaturidade profissional e início da atuação industrial -, a passagem para um pequena metalúrgica nacional (a Mecânica e Importadora São Paulo, conhecida como Agrícola, pois produzia ferramentas para a agricultura, como enxadas)¹, até seu ingresso na Krupp, em 1963, em meio ao processo em que “veio pra cá (região de Jundiaí) todas as firmas metalúrgicas” e ele “tava no meio”. Ou seja, o percurso realizado pelo trabalhador firma-se numa transição do campo para cidade, no qual se realiza uma espécie de rito de passagem, de uma condição inicial imatura e primária

¹ A Mecânica e Importadora São Paulo seria incorporada em a Sifco S.A., indústria metalúrgica de capital estadunidense, em 1963.

em termos de produção econômica, para a maturidade identificada com os setores que, à época, eram considerado de ponto, qual seja o das indústrias automobilísticas.

Ressalto neste ponto que o estabelecimento das grandes empresas metalúrgicas como um marco na vida, não é exclusividade do sr. José Casoni. Este parece ser um dos pontos de convergência entre os trabalhadores, bem como com as narrativas oficiais. Isto fica realçado nas três falas destacadas abaixo:

Na Krupp ganhava razoavelmente bem naquela época lá. Poxa! Quem entrava na Krupp, naquele tempo, nossa! Tinha um crédito violento na cidade, entendeu? Você podia sair por aí... “Pô! Você trabalha na Krupp!” (CENSI, 1996)

Eu na... por ex., na Mecânica e Importadora eu era frezador, eu era o único frezador. A Sifco queria, a Krupp queria. Todo mundo queria, mas eu queria uma coisa melhor. E a melhor na época era Krupp. A Sifco estava começando. E foi aonde que eu fui pra Krupp. (...) Aí eu já era a Krupp. Eu já trabalhava numa firma internacional. Aí eu já comecei a crescer. (SIGNORINI, 1998)

Quando a gente trabalhava na Vigorelli, você quase não fazia teste em outra firma. A Vigorelli tinha muita fama. Só tinha empregado bom, né? Eu fui na Voith, fiz um teste rápido lá, por fazer e comecei a trabalhar. (INÓRIO, 1996)

Se por um lado o aspecto financeiro, que conferia “*crédito na cidade*”, presente na fala do sr. Benedito Censi, 56 anos quando da entrevista e natural de Jundiá, era um aspecto que diferenciava o emprego na indústria metalúrgica, fica evidenciado nestas narrativas um outro elemento, que também fizera-se presente na fala do sr. José Casoni: a qualificação profissional buscada por estes trabalhadores em suas trajetórias, o que redimensiona o significado atribuído ao passado no que se refere a atuação nele. Ou seja, estes trabalhadores, ao mesmo tempo em que conferem às empresas metalúrgicas um diferencial em suas vidas, o fazem trazendo para a si também a autoria de tal sentido, o que molda o eixo das narrativas, dando um sentido ascendente à carreira profissional:

Então, eu comecei na Sifco. Eu fui ajudante, depois passei pra oficial. Aí, não deu certo mais, daí eu fui pra Krupp, 63. E lá eu, procurei... me esforçar, né? Porque eu achava que o cara tem que ter um pouquinho de...de...fazer...Comecei trabalhar, né? Fazer curso de hidráulica, tudo. Aí, eu passei pra...fiquei uns 5, 6 anos de líder, depois...depois, subi. (CASONI, 2008)

(...)Lá, eu me instalei lá... como frezador, depois me tornei operador de eletroerosão, fui pra S.Paulo fazer um curso, fiquei mais ou menos uns cinco anos, depois eu continuei e aí eu já ganhei um cargo. Eu saí de lá como contra-mestre aposentado. (SIGNORINI, 1998)

Aí, na Vigorelli, eu tive mais de onze profissões. Aprendi muita coisa aí. Eu comecei do nada, praticamente. Eu batia cartão. Pra fazer uma peça, eu punha tempo. Então, eu batia aquele tempo ali. Eh... depois, eu fui aprender numa máquina. Daquela máquina, eu aprendi pra outra, da outra eu pulei pra outra... Eu fiquei... Eu fiz um currículo muito bom. Aí, eu fui criando maturidade, né? Fui parando com as encrencas. Fui... sendo mais responsável. Aí, fiquei até fechar. E quando fechou, nós tínhamos ali pessoas com mais de 25 anos, que algumas hoje são falecidas. (INÓRIO, 1996).

Assim, se o ingresso nas metalúrgicas se configura num marco em relação às possibilidades constituídas em relação à vida, dentre as quais se destaca uma avaliação por parte dos trabalhadores de ascensão social e de manutenção e agregação da família, aquela importância atribuída às empresas se faz articulada ao empenho do trabalhador, à sua disposição de avançar em termos profissionais, como fica evidenciado desde o primeiro relato do sr. José Casoni.

Frisaria, desta forma, a participação que estes trabalhadores se colocam no processo de constituição das indústrias metalúrgicas como sujeitos nesta história, seja como profissionais disputados no mercado de trabalho, destacado pelo sr. José Signorini e pelo sr. Nelson Inório, seja nas mudanças de posturas que assumiram, seja na busca permanente de qualificação.

Assim, construíram suas carreiras (uma referência constante na fala destes trabalhadores) e suas vidas ao mesmo tempo em que também construíam as indústrias metalúrgicas.

Afinal, como expressam em suas narrativas, denotando na demarcação das transformações vividas as mudanças nos tempos (PORTELLI, 2004), no estabelecimento dos seus crescimentos profissionais e na caracterização das diferentes fases vividas ou enfrentadas no trabalho, expressavam e acentuavam conjuntamente as alterações na constituição das metalúrgicas, na situação delas em relação ao conjunto da sociedade e, como parte desta, nas relações de trabalho.

A interpretação e avaliação destas mudanças, por exemplo, demarcou para estes trabalhadores o momento de parar, como expressam o sr. Signorini e o sr. Casoni:

82 [aposentou-se]. Então, tava uma crise péssima, o desemprego. Eu fui convidado a voltar pra Krupp [após a aposentadoria]. Eu fui com...com posição lá dentro, ainda. Com cargo lá dentro. Mas... se eu fosse eu seria criticado. E, no mesmo tempo, a minha consciência, não ia permitir. Porque eu tinha aposentadoria na mão e outros coitados não tinham. Então, eu preferi...parar. (SIGNORINI, 1997)

Ah era bom [o ambiente de trabalho], nós num tinha extorsão. Um ajudava o outro, viu? No tempo nosso era... num sei como é que é hoje... ninguém puxava tapete não, né? Tinha o... era o... Eu num falo, eu sai de lá, né? Sai porque, se quando aposentado, a gerência num era mais o seu Floris, seu Karl... que foram embora. E entrô outra turma, lá, que eu fiquei meio descontente, né? Eu sai de um setor fui pra outro, eu num gostava mais do setor que eu tava, ai cheguei um dia lá...sai.” (CASONI, 2008)

Firmando uma distinção com outros tempos em que os metalúrgicos eram procurados, como apontado antes, estes trabalhadores sentem a pressão de outros momentos, o que lhes compele a deixarem o trabalho, mantendo, porém, em suas narrativas, tal qual no início da carreira, a prerrogativa disso.

Vistas a partir de um presente, marcado, em ambos os períodos em que foram produzidas as entrevistas (1996/1998 e 2008), como momentos de acentuado desemprego ou de grande risco para os metalúrgicos, conforme apontado no início deste artigo, estas narrativas parecem reverter, no sentido que estes trabalhadores atribuem às suas trajetórias profissionais, a responsabilidade que contemporaneamente outros grupos e classes tentam atribuir ou, ao menos, compartilhar com os atuais metalúrgicos na permanência ou não das indústrias metalúrgicas na região.

Afinal, “era difícil a vida. Era mesmo.” (SIGNORINI, 1997). Foi um tempo “que você... suou. Que você levantou 4 da manhã. Largou a família, às vezes, com filho doente pra mulher cuidar, pra não perder o serviço.” (INÓRIO, 1996).

Entrevistas

CASONI, José. Concedida ao autor em 27 de dezembro de 2008.

CENSI, Benedito. Concedida ao autor em 27 de agosto de 1996.

INÓRIO, Nelson. Concedida ao autor em 8 de setembro de 1996.

SIGNORINI, José. Concedida ao autor em 17 de julho de 1998.

Jornais e Boletins

Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). *Nota técnica do Dieese*. n.50, setembro de 2007. São Paulo: s/ed. (<http://www.fup.org.br/Dieese-notatec50Pnad2007.pdf>).

DIÁRIO CAJAMARENSE. “*Crise: Krupp demite outros 310 e põe em alerta metalúrgicos*”. n. 12, 25/4/2009. Cajamar: s/ed.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS E DE MATERIAIS ELÉTRICOS DE JUNDIAÍ E REGIÃO. *Informativo dos Metalúrgicos do Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí, Várzea Pta. e Campo Limpo Pta.* Ano XXII – n.5 Abril/2009. Jundiaí: s/ed.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC. “Brasil volta a ter mais de 2 milhões de metalúrgicos”. in *Tribuna Metalúrgica*. n.2446, 25/03/2008. São Bernardo do Campo: s/ed.

Referências Bibliográficas

FENELON, Déa et alli. “*Introdução – Muitas memórias, outras histórias*”. in FENELON, D. et alli (org). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D’Água, 2004.

PORTELLI, Alessandro. “*O Momento da minha vida*”: funções do tempo na história oral. in FENELON, D. et alli (org). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D’Água, 2004.

KOURY, Yara. “*O Historiador, as fontes orais e a escrita da história*”. in ALMEIDA, P. et alli (org.) **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006.